

## 9. Não deve esmagar o caniço já rachado

Ontem dizia que o abade deve olhar a realidade de sua comunidade, especialmente os membros mais frágeis, com "legendas" da consciência de sua própria fragilidade. Mas, atenção! Não deve olhar a realidade dos irmãos apenas com estas legendas. Porque se pensamos apenas em nossa fragilidade, corremos o risco de não entender nada dos outros, porque pensamos somente em nós mesmos, ou pensamos que todas as fragilidades e chagas são iguais às nossas. Na verdade, as fragilidades humanas são muito diferentes, e há sempre um mistério por baixo da chaga e fragilidade de cada um, um mistério que somente Deus pode entender, e que somente a misericórdia respeita realmente. Quem dentre nós, é verdadeiramente consciente da natureza de sua própria fragilidade? Muitas vezes, a herdamos de uma longa história familiar, ou da nossa tenra infância. Mais que querer entendê-la, é importante aprender, antes de tudo, a respeitar o mistério que esta representa em nós e nos outros. Como fazer isto?

São Bento, como vimos, pede ao abade de ter sempre sob os olhos, a sua fragilidade, mas não lhe pede apenas isto. Pede-lhe, ao mesmo tempo, de lembrar "para não esmagar o caniço já rachado", isto é, lhe pede de lembrar do Evangelho, neste caso, uma palavra de Isaías (42,3), que o Evangelho de Mateus utiliza para descrever Jesus, como servo manso e humilde do Senhor (Mt 12,15-21).

No fundo, a melhor maneira de lidar com a fragilidade dos irmãos, é sempre aquela de pensar como Jesus lidou com as nossas, como Jesus tratou e trata a fragilidade de todas as pessoas. O Evangelho, como toda a Sagrada Escritura, é riquíssimo de exemplos e palavras que nos ajudam a enfrentar as fragilidades humanas, como Deus as enfrentou.

Neste capítulo 64, a maior preocupação de São Bento, parece ser aquela de não "esmagar" ou "quebrar" os irmãos ou irmãs frágeis. Pede para não raspar muito a ferrugem para não quebrar o vaso: "*ne frangatur vas*" (RB 64,12). Depois, lembra que não se deve esmagar o caniço já rachado (64,13). Entre estes dois exemplos de "ruptura" daquilo que é fraco, há o lembrete a não perder de vista a própria fraqueza.

A etimologia do termo "fragilidade – *fragilitas*" refere-se, precisamente, ao verbo latino "*frangere*": quebrar, esmagar. A fragilidade é aquilo que em nós, pode se quebrar, é o ponto fraco, no qual, corremos sempre o risco de quebrar-nos, esmagar-nos. A nossa própria vida humana é frágil, porque incumbe sobre esta, o momento em que a morte virá esmagá-la. Ninguém pode fugir desta fragilidade essencial da vida humana. O Salmo 89 descreve esta fragilidade de todos: a vida é como a erva que "viceja e floresce pela manhã, mas que à tarde é cortada e seca" (Sl 89,6). Isaías tem uma imagem muito expressiva, que a vida é como o fio que o tecelão corta, quando terminou de tecer a tela: "Como um tecelão, enrolam a tela de minha vida, depois cortam-lhe o laço. Em um dia e uma noite me conduz ao fim" (Is 38,12b).

Mas pensemos, sobretudo, a cada vez que Jesus se recusou de "esmagar" as pessoas frágeis que encontrava. Os fariseus tinham, por assim dizer, sempre as tesouras ou a foice em mãos, para excluir do povo e também da vida, as pessoas impuras,

pecadoras, não-observantes. Jesus sempre fez o contrário: mais via fragilidade, mais amparava, mais protegia. Não "esmaga" a Samaritana, Zaqueu e, especialmente, a mulher adúltera (cf. Jo 8,1-11).

São Pedro, depois da negação, era psíquica e espiritualmente como um caniço rachado, seria suficiente uma só palavra de Jesus, um único olhar severo, para esmagá-lo completamente. Ao invés, quando Jesus o revê na margem do lago, é como se por três vezes Jesus o endireitasse, o recolocasse de pé, lhe desse apoio e força para não se "esmagar". Como? Pedindo-lhe amor: "Simão, filho de João, me amas?" (cf. Jo 21,15-19). E notemos que, pedir amor, mendigar amor, revela também uma fraqueza, a "fragilidade" de Cristo, a fragilidade de Deus, que quis necessitar do amor dos seres humanos, de nós pecadores. É como se aqui, Jesus sentisse "esmagar-se" caso não recebesse o amor de Pedro. E o caniço rachado, que é Pedro, recebe força e se endireita graças a Jesus, que o olha consciente de sua "fragilidade divina", que é a necessidade de ser amado. Cristo, olha a todas as fragilidades humanas com a consciência, com a "legenda", de seu desejo do nosso amor, com seu desejo de ser amado pelos pecadores.

E para Pedro, ser recolocado de pé, em vez de esmagar-se completamente, significa receber a missão de apascentar os cordeiros e as ovelhas de Jesus (cf. Jo 21,15.16.17). E aqui, voltamos à figura do abade segundo S. Bento, o abade misericordioso, que é sempre consciente da própria fragilidade. Mas entendemos também, que a "fragilidade" mais profunda do abade, como de todos, é a necessidade de ser amado, como Jesus. E é uma fragilidade que São Bento lhe pede para cultivar, naturalmente sem que isto se torne uma manipulação emocional, dos membros da sua comunidade.

Sempre neste capítulo 64, a Regra pede que o abade, "procure ser mais amado que temido" (64,15). E no fim da Regra, no belíssimo capítulo 72, a todos os monges vem pedido "que amem seu abade com caridade sincera e humilde" (72,10).

Por trás de todos estes preceitos, relativos à figura do abade, do superior ou superiora da comunidade, devemos sempre ver a preocupação de São Bento, que a figura paterna ou materna na comunidade, represente para os irmãos ou irmãs a paternidade misericordiosa de Deus, assim como Jesus a encarnou e nos revelou. Uma paternidade que, repito, não teme ser "frágil" em pedir mais amor que temor, como vemos no pai da parábola de Lucas 15, que é um pai que não teme de mostrar, seja ao filho perdido seja ao filho mais velho, que precisa de seus filhos, que nunca pode se conformar com a distância ou o mau humor de seus filhos.

E se São Bento insiste sobre a misericórdia que deve ter o padre do mosteiro, não é para pôr o abade no centro de tudo, porque no centro está sempre e somente Jesus Cristo, mas porque tem consciência que todos somos chamados a sermos misericordiosos, como Deus Pai (Lc 6,36), e a figura do abade e das outras autoridades na comunidade, até mesmo o celereiro que deve ser "*sicut pater* – como um pai" (RB 31,2), devem ser uma ajuda e um exemplo, para ir na direção desta perfeição essencial da vida cristã, que é a misericórdia de Deus vivida pelos homens.